

# Amantes para sempre essência



Jodi Ellen Malpas

TRADUÇÃO  
VICKI ARAÚJO

 essência

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

# Capítulo 1



Meus pés martelam a esteira de maneira ritmada e confortável. O som de “Believer”, do Imagine Dragons, no meu iPhone é abafado pelo sangue latejando nos meus ouvidos. O pulsar do meu coração me lembra de que estou vivo. Não que eu precise correr até não sentir mais minhas pernas para me dar conta disso.

Meu ritmo aumenta, a respiração começa a falhar e minha marcha ganha velocidade. O suor escorre pelo meu peito nu enquanto olho para o relógio do outro lado da academia e vejo o ponteiro maior se mover lentamente no mostrador. *Mais dois minutos. Mantenha o ritmo por mais dois minutos.*

Quando, no entanto, o meu treino termina e a velocidade da máquina começa a diminuir, minhas pernas não acompanham. Aperto o botão para aumentar o ritmo outra vez, meu ego relutante em me deixar parar agora. Mais um quilômetro. Aumento o volume e corro mais um pouco, inspirando compassadamente pelo nariz e enxugando o suor que desce pela minha testa. Olho para a tela da esteira e vejo a distância percorrida: vinte e quatro quilômetros. Pronto.

Soco o botão com o punho cerrado e deixo a máquina me conduzir de volta a uma marcha lenta, enquanto arranco os fones dos ouvidos e seco o rosto úmido com a camiseta.

— Você foi mais rápido ontem, teimoso filho da puta.

Meus pés caminham até a esteira parar e eu me seguro nas barras laterais, deixando a cabeça pender enquanto recupero a respiração.

— Vá se foder — praguejo, bufando e virando o rosto para encarar um de meus amigos mais antigos. O sorriso triunfante de John, aquele que mostra bem seu dente de ouro, me dá vontade de arrancá-lo a tapa.

Ele solta uma gargalhada baixinha e joga uma toalha no meu peito.

— Ainda não fez as pazes com a ideia, não é?

Saio da esteira e enxugo meu rosto encharcado antes de atirar a toalha de volta para ele.

— Não faço ideia do que está falando.

Estou mentindo. Sei exatamente sobre o que o idiota está falando e já estou cansado de sofrer por isso. Não sei como aconteceu – onde é que o tempo foi parar. Porque, Deus me ajude, vou completar cinquenta anos neste fim de semana. Malditos cinquenta anos de idade. Meu ego fica mais ferido a cada vez que penso nisso.

Vou ao bebedouro, com John logo atrás de mim.

— Ter cinquenta anos combina com você.

Reviro os olhos enquanto pego um copo e enfio debaixo da água.

— Você quer alguma coisa?

Bebo a água ao som de outra risadinha atrás de mim, o que me faz virar o rosto para aquele idiota presunçoso. Não sei qual é a graça. John está beirando os sessenta, embora não aparente. Está em plena forma, mas eu jamais diria isso a ele.

— Os novos aparelhos chegarão mais tarde.

— Pode cuidar disso? — pergunto, enchendo meu copo novamente.

— Sem problemas.

— Obrigado.

Olho ao redor, observando a sala de musculação da academia da qual sou dono, um lugar cheio de energia, com música, suor e corações batendo. “Daylight”, dos Disciples, bombando, adrenalina fluindo, gritos de incentivo ecoando. Acabou que, no final das contas, senti saudade de ter um negócio. Não do sexo e dos prazeres do Solar, mas do senso de comunidade, do aspecto social, do cotidiano de gerenciar uma empresa. Então abri um novo negócio, não tão secreto, mas ainda bastante exclusivo. O JW’s Fitness & Spa só vem ganhando força desde que abriu as portas, há seis anos.

— Onde está Ava?

John pega o copo vazio da minha mão e joga na lixeira, antes de se afastar.

— No escritório.

No escritório? Um sorriso brota no meu rosto, enquanto cruzo a academia correndo, minha pulsação subindo outra vez, exceto que, desta vez, dentro do meu calção.

Apresso o passo e entro voando no escritório, com um plano traçado... e paro bruscamente quando não encontro Ava. Encaro o espaço vazio e tiro o telefone do bolso, ligando para ela enquanto me dirijo à sua mesa.

— Oi — atende ela, um pouco exasperada.

Eu não a questiono. Neste momento, não estou interessado.

— Onde você está?

Desabo na cadeira diante da mesa.

— No Spa.

— Você tem três segundos para estar no seu escritório — digo, com um sorrisinho nos lábios ao ouvir a reação de surpresa dela.

— Estou do outro lado do prédio.

— Três — sussurro, colocando os pés sobre a mesa e relaxando.

— Jesse, estou tentando resolver um desentendimento entre funcionários.

— Não me importa. Dois.

— Puta merda...

Aperto a mandíbula, irritado.

— Você vai pagar por essa. Um.

Posso ouvir o som de seus passos apressados ao fundo e sorrio, vitorioso.

— Tic-tac — digo casualmente, acomodando minha ereção no calção.

— Estamos trabalhando.

— Em qualquer lugar, a qualquer hora — afirmo com ironia. Ela sabe disso.

— Você é muito exigente, Jesse Ward.

Sua voz rouca me força a respirar profunda e controladamente. Sim, às vezes ela ainda foge de mim, mas outras vezes corre para mim. Como agora, quando sabe que estou excitado e esperando no escritório.

Meus olhos pousam na porta, a energia pulsando dentro de mim. *Vamos, querida.* Ouço-a vir depressa pelo corredor na direção do escritório e então a porta se abre.

E ali está ela. Minha linda esposa. Não mudou nada desde o dia em que a conheci. Sexy. Bela. A mistura perfeita de elegância e ousadia.

— Zero, *baby* — murmuro, desligando e jogando o telefone sobre a mesa.

Um tremor familiar sobe pela minha coluna e dou um sorriso, absorvendo cada centímetro perfeito dela. Ela apoia a mão no batente da porta e morde o lábio, os olhos cheios de prazer. Prazer em me ver. Seu marido. O homem que ela ama.

— Está tendo um bom-dia? — pergunta ela.

— Melhor agora — admito. — Vai torná-lo ainda melhor?

Seu olhar ávido me devora. Eu amo isso. Amo como ela não consegue controlar a necessidade de me comer com os olhos também. E daí que eu vou fazer cinquenta anos no fim de semana? Grande coisa. Ainda estou com tudo. Subitamente, me sinto o deus que ela acha que sou. O deus que eu *sei* que sou.

— E então? — provoco. Ela sabe que há apenas uma resposta certa para essa pergunta.

Ela dá de ombros, fazendo-se de difícil. Perda de tempo. Dela e meu.

— Não faça joguinhos comigo, mocinha.

— Você adora nossos joguinhos.

— Não tanto quanto adoro estar enterrado até o fundo em você. — Tiro os pés da mesa e me levanto. — Está perdendo um tempo valioso. Venha cá.

— Venha me pegar.

Ava fecha a porta e passa o trinco quando avanço para cima dela, seus olhos mais brilhantes a cada passo meu. Seu corpo se retesa, preparando-se para o meu ataque. Cada terminação nervosa em meu corpo toma vida e grita por ela. Em um movimento rápido, eu a jogo sobre um dos meus ombros e volto para a mesa.

Ela ri e suas mãos penetram meu calção e apalpam meus glúteos. Ela os aperta, cravando as unhas na minha pele.

— Você está todo suado.

Eu a deito sobre a mesa e a cubro com meu corpo, mantendo-a no lugar com uma das mãos, enquanto a outra ergue seu vestido. Ela tenta se desvencilhar, desafiadora. Isso não vai levar a lugar nenhum.

— Pare de lutar comigo, *baby* — advirto, tirando seu vestido e atirando-o para o lado, antes de partir para a calcinha. Um sorriso surge em meus lábios ao ver a renda que oculta sua pele. Baixo a cabeça e afasto a calcinha para o lado com os dentes.

— Jesse! — grita ela, jogando a cabeça para os lados, o corpo se contorcendo.

Seguro o riso. Jamais me canso desse joguinho de poder.

— Quem tem o poder aqui? — pergunto, rasgando a calcinha com os dentes.

— Você, seu controlador do caralho!

— Olha a boca!

Tiro o seu sutiã e depois o meu calção, libertando meu membro rijo.

Ela ergue os olhos, ajeita-se sobre a mesa, toma meu pau em sua mão e o bombeia deliciosamente. Meu corpo se dobra à frente, a sensação de sua pele quente em torno dele é irresistível.

— Porra, Ava — gemo, apoiando as mãos em seus ombros, com o queixo tocando o peito. — Acho que eu conseguiria chegar à lua quando você me toca. — Tenho certeza de que poderia fazer *qualquer coisa*. Sou invencível, indestrutível. E ao mesmo tempo sou completamente vulnerável.

Ela volta a se deitar sobre a mesa e arqueia o corpo, com a respiração entrecortada, o rosto corado e úmido. É uma visão de outro mundo, mágica.

— Me fode — ordena ela, impaciente e ávida. — Por favor, me fode.

— Olha essa boca, Ava — adirto outra vez, puxando-a para mim pela parte de trás dos joelhos. — Eu tenho toda a intenção de te foder, esposa. Forte. Rápido.

O calor de sua boceta me atrai como um ímã. Minha ânsia por ela se intensifica.

— Meu Deus, *baby!*

Beijo cada um de seus mamilos, antes de mergulhar para dentro dela sem perdão, arfando como um filho da puta e arrancando um grito dela. É sempre tão bom quanto da primeira vez.

As mãos dela buscam apoio e o encontram nas bordas da mesa.

— Meu Deus!

Eu ranjo os dentes, saindo de dentro dela, apenas para voltar com mais força.

— Jesse!

— Gosta disso, *baby?*

— Mais forte! — exige ela, com olhos selvagens. — Me faça lembrar.

— De quê?

— De qualquer coisa. — Ela remexe os quadris, excitando-me. — Mostre quem tem o poder.

Dou um sorriso largo e satisfeito ao ver que ela está esperando que eu faça o que pediu, mas eu não vou. Não até que ela diga as três palavras mágicas. Eu paro abruptamente e fico imóvel, envolto em seu calor. Aguardando.

— Diga — ordeno, baixando o tórax e beijando o canto de sua boca. — Me dê o que quero e te darei o que você quer.

Ele vira o rosto, capturando meus lábios em um beijo doce.

— Eu te amo — murmura ela em meio à dança de nossas línguas. — Muito.

Abro um sorriso com os lábios ainda colados aos dela e a penetro lentamente outra vez.

— Segure-se, *baby.*

Seu corpo todo fica rígido, preparando-se para o ataque. Eu não me seguro. Jamais o farei. Então a penetro com força brutal repetidas vezes, provocando gritos constantes de êxtase, que são como música para os meus ouvidos. Quero saber, no entanto, o quanto ela realmente me quer e para isso me afasto e pouso as mãos em seus joelhos, abrindo suas pernas e expondo completamente seu sexo molhado, pulsante.

— Linda — sussurro, encantado. Penetro-a devagar e deixo a cabeça pender para trás, estabelecendo um ritmo sempre crescente, com força, até o fundo. — Vamos, *baby* — digo, começando a suar. — Busque.

Mais gritos. Mais respiração ofegante. Meus sentidos estão um caos. Meu sangue todo se aloja no pênis e quase me derruba de joelhos, fazendo-me agarrar as pernas de Ava e invadi-la com mais potência. Os sinais de seu orgasmo iminente estão claros: olhos brilhantes, pupilas dilatadas, dedos cravados na madeira. Ela está quase lá e basta olhar para seus seios incríveis para alcançarmos o clímax juntos. Meu peito se retesa e convulsiona, como uma onda de choque que corre pelo meu corpo. É uma sensação poderosa. Extremamente poderosa. Eu gozo forte, tremendo como uma folha, enquanto Ava geme de prazer, com meus dedos cravados em seus joelhos. Pelo. Amor. De. Deus.

— Porra... — suspira ela, relaxando de uma vez, deixando a cabeça cair para um lado, fechando os olhos. — Puta que pariu, Jesse.

Solto suas pernas e caio sobre Ava, permanecendo dentro dela, curtindo a contração de suas paredes internas em torno do meu membro latejante.

— Olha — sussurro. — A. — Beijo seu rosto suado. — Boca. — Deixo meu peso todo recair sobre ela.

— Você é bom.

— Eu sei.

— Você é um cabeça-dura.

— Eu sei.

— Eu te amo.

Eu aninho o rosto no pescoço dela e suspiro.

— Eu sei.

Seus braços me envolvem em um abraço apertado. Estou em casa. Tenho uma sensação de contentamento.

— Preciso pegar as crianças na escola.

— Hummm... — Sou incapaz de gerar forças para falar, que dirá para me mexer. Então ouve-se uma batida na porta. Eu resmungo, levantando-me preguiçosamente da mesa. — Amanhã à mesma hora?

Ela sorri, desce da mesa e começa a se arrumar. Meu rosto se fecha mais a cada parte do corpo que ela cobre.

— Um minutinho! — grita ela, passando o vestido pela cabeça.

Eu visto o calção e vou me sentar no sofá do outro lado da sala.

— É todo o tempo de que precisamos.

Ela revira os olhos ao ver meu sorrisinho safado e vai para a porta, tentando ajeitar os cabelos antes de chegar à maçaneta. Perda de tempo. Seu rosto está brilhando, todo o corpo denuncia que acabou de fazer sexo. Ela abre a porta e eu sei imediatamente quem está ali, pela forma como os ombros de minha esposa se enrijecem de tensão.

— Cherry — diz Ava, seca, dando meia-volta em direção à sua mesa. No caminho, dirige a mim um olhar que confirma o que eu já sei: ela não gosta de Cherry.

De acordo com a minha esposa, a mulher tem uma atração por mim. Não sei por que isso é novidade para Ava. Todas as mulheres se sentem atraídas por mim.

— Vou buscar os gêmeos. — Ava pega sua bolsa e joga por cima do ombro. — Precisa de alguma coisa?

Cherry entra no escritório e coloca uma pasta sobre a mesa. Seus cabelos loiros estão presos em um coque apertado bem no alto da cabeça, e sua camisa branca tem botões demais abertos, na minha opinião. Não estou olhando de propósito, apenas é impossível não notar.

— Os relatórios de matrículas que você havia me pedido.

— Perfeito. Darei uma olhada neles amanhã. — Ava faz menção de sair, mas olha para mim, largado no sofá. — Me leve até a porta. — Não é uma sugestão.

Mais um sorriso meu. Ava está se sentindo possessiva. Levantando-me do sofá, alcanço minha camiseta na mesa e a visto, marchando para a porta. O olhar de admiração de Cherry para o meu tórax sendo coberto não passa despercebido por mim. Nem por minha esposa.

— Vamos.

Abraço Ava e saio com ela antes que mostre suas garras.

— Ela gosta de você — esbraveja, enlaçando-me pela cintura. — Se não fosse tão boa profissional e eu não precisasse tanto dela, ela estaria longe faz tempo.

Eu gargalho.

— Ela não fez nada de errado.

— Fez, sim. Ela olha pra você.

Eu a puxo para mais perto de mim.

— Você não pode mandar alguém embora só porque olha pra mim.

— O que você faria se um funcionário olhasse daquele jeito pra mim?

Um calor instantâneo percorre minhas veias, mas não é de prazer. Resmungo automaticamente e ela ri, desvencilhando-se de mim quando chegamos ao pé da escada, na área da recepção.



— Eu nem sei, meu amor. — Puxo-a de volta para mim e a abraço com ânsia. — Não diga coisas que me deixam furioso. — Grudo meus lábios nos dela e a devoro por um atordoante momento. — Vejo você em casa. — Mordo seu lábio inferior e me afasto, sorrindo ao ver seu óbvio espanto. Ela esqueceu para onde estava indo. — Vá buscar as crianças — eu a lembro.

Ela se esforça para voltar ao normal, enquanto olha ao redor. Ninguém estava prestando atenção. Todos sabem como nós dois somos. Isto não é apenas o nosso normal, mas o normal de toda a equipe. É como deve ser, se quiserem manter seu emprego.

Lá se vai minha esposa. E eu começo a contar os minutos até que possa ir para casa ver meus bebês.

## Capítulo 2



**U**m sentimento de paz toma conta de mim quando paro a minha Ducati na entrada de nosso pequeno solar. O carro de Ava está na garagem, com o porta-malas aberto. Estaciono ao lado de seu Mini Cooper, tiro o capacete e passo os olhos por seu carrinho imundo. A pintura preta está empoeirada, opaca e velha.

— Não se vê poeira em carro branco — resmungo para mim mesmo. — E cabem mais sacolas de compras em um Range Rover.

Eu a forcei a ficar com um carro maior e mais parrudo durante um tempo, mas ela finalmente me convenceu e teve de volta seu fiel Mini.

Ava aparece na porta da frente e paralisa quando me vê ao lado da moto. Colo meu olhar nos seus olhos cor de chocolate e repouso o traseiro no assento, com o capacete no colo e as pernas cruzadas na altura dos tornozelos. Poderia eu pedir uma recepção mais calorosa que essa? Tenho todo o tempo do mundo para admirá-la. Ela ainda parece ter acabado de fazer sexo.

— Minha senhora — digo com a voz automaticamente rouca.

— Meu senhor. — Ela puxa os cabelos para trás dos ombros.

Eu me pego ajustando meu membro ereto por cima da braguilha da calça de couro. Seu sorriso cúmplice me diz que ela sabe muito bem a reação

que causou e considero por um momento como deve ser para Ava saber que, mesmo doze anos depois de nos conhecermos, ela ainda causa tamanho efeito em mim. Eu nunca vou me cansar dela.

Ela desfila pelos degraus, encarando-me até chegar ao carro. Então se abaixa, acentuando a curva de seus quadris, e puxa de dentro do porta-malas uma sacola de compras.

— Largue a sacola — digo a ela.

— Pare de ser tão mandão. — Ela finge suspirar e gira sobre os calcanhares, rebolando degraus acima, com a sacola na mão. — Tenho que alimentar seus filhos.

— E eu tenho necessidades, mocinha. — Ergo a voz, colocando o capacete no assento da motocicleta e indo em sua direção. — Ava!

Ouçõ sua risada enquanto ela desaparece porta adentro. Quando chego à cozinha, encontro-a parada, de pé, com a sacola aos seus pés. Paro quando a vejo dobrar-se à frente de maneira sedutora, enquanto pega algo. Ela levanta as sobrancelhas e me mostra dois potes de manteiga de amendoim.

— Talvez eu deixe você lamber isso no meu corpo.

— Talvez deixe? — pergunto, rindo com o recato dela. — Ava, você está casada comigo há mais de uma década. Ainda não aprendeu?

— Eu tenho o poder — sussurra ela, colocando os potes sobre o balcão da cozinha e fazendo beicinho com os lábios carnudos.

Chego ao ponto de me inclinar um pouco à frente para impedir que meu pau estoure minha calça.

— Ava, a não ser que agora seja um bom momento pra te foder loucamente nessa bancada, não me excite. — Meu Deus, como eu tenho tido que me controlar com ela desde que os gêmeos nasceram. Minha força de vontade está acabando. Talvez seja a idade. Balanço a cabeça para afastar esse pensamento antes que acabe com meu humor.

— Você precisa conversar com Maddie — diz Ava, do nada.

— Não vou mais falar sobre isso, Ava. Fim de papo. — Bufo. Não. De jeito nenhum. Sei exatamente sobre o que a minha filha de onze anos quer conversar.

— Você precisa aprender a lidar com ela antes que ela se divorcie de nós.

— Eu sei como lidar com ela. — Eu tusso, indignado.

— Trancá-la no quarto não é lidar com ela.

— Não exagere.

Franzo o cenho e Ava ri, condescendente. É melhor ela parar agora mesmo ou vai ganhar uma transa de castigo.

— Você a ameaçou não faz dois dias.

Não acredito que terei que me explicar pela centésima vez.

— Ava, ela estava vestindo um short que serviria em uma Barbie. E ela acha mesmo que pode ir a uma festa da escola com ele? — Gargalho só de pensar. — De jeito nenhum. Não enquanto eu estiver vivo.

— O short não era assim tão curto. — Ela revira os olhos.

— Ela tem onze anos!

— Ela já é uma mocinha.

— Ela já está enchendo o saco, isso sim.

— Você está passando dos limites, Jesse.

Passando dos limites? Eu não acho.

— Ava, eu fui buscá-la na escola na semana passada e, no caminho do portão até o meu carro, um pervertidozinho estava praticamente babando por ela. — Sinto o sangue ferver nas minhas veias, só de pensar no incidente. Se um guarda de trânsito não tivesse me obrigado a sair da área proibida, eu teria descido do carro e corrido para cima dele mais rápido que o Papa-Léguas.

— Um pervertidozinho? — ironiza ela.

— Sim. Ele tem sorte de eu não arrancar os olhos dele pra não olhar mais daquele jeito pra a minha filha.

— E quantos anos tinha esse tal pervertidozinho?

— Não sei — desconverso, sabendo exatamente aonde ela quer chegar.

— Eu sei. — Ela ri novamente, metade divertida e metade exasperada.

— Ele tem onze anos, assim como Maddie. O nome dele é Kyle e ele está na turma dela. Ele está apaixonadinho, só isso.

— É um pervertido. — Bufo outra vez, indo na direção da geladeira. Afirmo com ar definitivo, desafiando-a a prosseguir com a discussão, enquanto procuro a manteiga de amendoim na prateleira. Conheço minha esposa abusada. E ela ousa continuar.

— Jacob tem uma paixonite por uma menina — diz Ava, de forma natural. Eu me afasto da geladeira e a vejo pegar os potes de manteiga de amendoim e colocá-los no armário. Meu garoto está apaixonado? A única paixão que sei que ele tem é pelo futebol. Ele é louco pelo esporte. — Isso torna o *seu* filho um pervertido também?

— Por que está fazendo isso? — Os meus lábios se contorcem enquanto caminho de volta para a geladeira, à procura de algo que mate minha ansiedade.

— Porque nossos filhos estão crescendo e você precisa permitir que isso aconteça. Maddie vai à festa da escola e você não vai ficar com ela. Não é legal levar o papai a tiracolo.

— De jeito nenhum ela vai sem mim — vocifero, batendo a porta da geladeira. — Onde está a porra da minha manteiga de amendoim? — Eu me viro e dou de cara com minha esposa, que me oferece um pote novinho, com as sobrancelhas erguidas e olhar cúmplice.

Arranco o pote das mãos dela sem ao menos agradecer e retiro a tampa com violência. Meu dedo mergulha fundo, varre a borda toda e depois o coloco na boca. Durante todo o movimento, eu fuzilo minha esposa com o olhar e ela balança a cabeça, vencida. Ela que balance a cabeça o quanto quiser. Minha filha não vai à tal festa da escola sem mim e, definitivamente, não vai vestindo aquele short jeans.

— E onde está Maddie? — pergunto, sem perder a oportunidade de apreciar a visão de seu traseiro. Que traseiro... Eu quero mordê-lo.

— Ela está esperando o papaizinho dela chegar em casa para bajulá-lo.

— Como assim me bajular?

— Papai! — O gritinho de felicidade de Maddie se faz ouvir antes que ela chegue à cozinha — gritinho cheio de falsidade —, interrompendo a minha pergunta. Ah, não. Ela me chamou de “papai”, não de “pai”. Já sei que em segundos estarei diante do olhar de cachorrinho pidão.

Faço o melhor que consigo pensar: coloco a pasta de amendoim sobre a mesa e fujo da cozinha sem contato visual algum ou estarei perdido. Fodido.

— Preciso trocar de roupa — grito, passando pela porta, e noto que ela vem atrás de mim.

— Papai, espere!

— Tenho muita coisa pra fazer — grito por sobre os ombros, enquanto subo a escada correndo e entrevejo seus longos cabelos castanhos balançando enquanto ela me persegue. — Converse com a sua mãe.

— Ela disse que preciso falar com você!

— Merda! — Sinto algo prender meu tornozelo ao atingir o último degrau, perco o equilíbrio e desabo no carpete.

— Papai, olha a boca!

— Maddie, pelo amor de Deus!

— Então pare de fugir de mim e encare as suas responsabilidades.

— Como é que é? — Rolo no chão e me sento, dando de cara com minha filha deitada nos degraus mais altos da escada, com a mão ainda segu-

rando meu tornozelo, a cabeça inclinada para trás o máximo possível para conseguir olhar para mim. Ela já está batendo os cílios, essa atrevidinha. — Minhas responsabilidades?

— Sim. — Ela solta o meu pé, levanta-se e eu quase não percebo que ela está vestindo jeans e um suéter. Calça e mangas compridas, o que deveria me deixar plenamente satisfeito, mas não. Essa é minha filha, um verdadeiro furacão, e ela é muito espertinha quando quer. O que é o tempo todo. Como agora, quando eu sei que ela só está coberta da cabeça aos pés porque, nas palavras da mãe, está querendo me bajular. Não vai funcionar. — Pai... — Maddie suspira, balançando a cabeça para mim.

— Ah, então agora é só “pai”, não é?

Ela aperta a mandíbula e me olha de um jeito que só pode competir com a própria mãe: como se pudesse decepar meu pau com um olhar.

— Não é justo! Todos os meus amigos vão e os pais deles estão tranquilos com isso. Por que tem que ser você quem vai estragar tudo?

— Porque eu te amo — murmuro, ficando de pé. — Porque eu sei que existem garotos idiotas por aí que vão querer te beijar. — O que estou dizendo? O fato de que provavelmente ela mesma arrancaria as bolas de qualquer beijoqueiro em potencial — talvez melhor do que eu o faria — não vem ao caso. Meu trabalho é protegê-la.

— E me perseguir — devolve ela, fazendo-me recuar.

— O que quer dizer com isso? — Não gosto de sua expressão vitoriosa, aquela que sugere que ela tem uma carta na manga contra mim. Estreito os olhos, esperando o baque.

— Como você perseguiu a mamãe.

— Eu não persegui a sua mãe. Eu só fui atrás do que eu queria.

— Ela disse que é a mesma coisa, especialmente quando a perseguição chega ao “nível Jesse Ward de perseguição”.

— É... não... ela... — Eu bufo e me viro, marchando para a suíte master. Não vou discutir com uma menina de onze anos. — Sua mãe adorava quando eu a perseguia — digo, sem me virar para ela.

— Você disse que só foi atrás do que queria.

— É a mesma coisa! — Bato a porta do closet e tiro a camiseta. — Essa menina ainda vai me matar — murmuro, atirando a roupa no cesto de roupa suja.

Maddie entra sem bater, fazendo-me paralisar com as mãos na braguilha da calça de couro.

— Eu vou para a festa sem você e vou vestir o que eu quiser.

— Você não vai. — Por pouco não consigo controlar os palavrões. —  
Fim de papo.

— Você é tão mau! — berra ela, com as bochechas vermelhas de raiva.

— Eu sei! — Enfio as mãos por dentro da calça, pronto para tirá-la. —  
Pode sumir daqui? Eu vou tirar a roupa.

Seu rostinho lindo se contorce em total e completo nojo.

— Eca!

Ela sai batendo a porta e me deixa olhando para o meu tórax. “Eca?” Que atrevida! Eu posso estar à beira dos cinquenta, mas ainda estou muito bem. Pergunte à minha esposa. E a todas as outras mulheres no planeta. “Eca?”

Tiro as calças, deito-me no chão e faço cinquenta flexões, resmungando e xingando o tempo todo. Eu devia ter ficado na academia.

Depois de vestir um calção limpo, viro-me para voltar ao andar de baixo, quando noto uma pilha de roupas limpas em cima da cama. Faço então o que qualquer marido decente faria: pego-as e volto para o closet, na intenção de guardá-las. As meias e cuecas vão para as gavetas designadas a elas, e o que sobra na minha mão são calcinhas de Ava. Um sorriso safado surge no meu rosto ao ver tanta renda. É impossível deter a mim mesmo e não trazê-las ao nariz para inalar o perfume de roupa limpa misturado ao cheiro de Ava. Solto um gemido e fecho os olhos, planejando um momento íntimo para esta noite. Prevejo uma transa de bom senso em um futuro próximo. Farei minha esposa ver o quanto seria imprudente de nossa parte deixar Maddie ir à festa da escola desacompanhada.

— Pai?

Dou meia-volta e encontro Jacob parado à porta. Há uma expressão alarmada em seu lindo rosto.

— Ah, oi. — Afasto rapidamente as calcinhas do nariz e dou um sorriso constrangido.

— Está cheirando as calcinhas da mamãe?

Eu rio como um bobo, sentindo o calor subir à face. Meus filhos acabam com meu ego.

— Estou só verificando se foram lavadas — digo, dando as costas para ele e abrindo a gaveta de lingerie de Ava.

— Às vezes você tão é esquisito... — Jacob suspira atrás de mim e eu me retraio. Essa retração se transforma em uma careta quando noto algo em um canto da gaveta de Ava. O problema não é o objeto em si, mas o fato de que ele está do lado oposto de onde estava hoje de manhã. Eu solto um rosnado

para o vibrador cravejado de diamantes – ou Arma de Destruição em Massa, como minha esposa gosta de chamá-lo – e fecho lentamente a gaveta. Ela não está errada. É uma arma de destruição, sem dúvida. Ela destrói meu ego. Estaria Ava se divertindo sem mim? Gozando com uma maldita máquina?

Esquecendo minha mágoa, por ora ao menos, volto a dar atenção ao meu garoto.

— O que há, amigão? — pergunto, indo até ele e abraçando-o pelos ombros.

— Um dos meus amigos da escola, o Sonny, me convidou pra ir a Old Trafford com a família dele pra ver o jogo do United. Eles vão jogar contra o Arsenal. Posso ir?

Disfarço um sorriso, olhando para Jacob, que me olha de volta, cheio de esperança e um pouco de preocupação. Eu sei o que ele está pensando. Ele está pensando que futebol é uma coisa *nossa* e que eu posso não gostar de vê-lo curtindo o esporte com outras pessoas. Sou eu quem o leva para os treinos, assisto a todos os seus jogos, levo-o ao estádio uma vez por mês para ver uma partida, só ele e eu. Coisa de homem, onde não haja mulheres para nos enlouquecer.

— Claro que pode.

— Obrigado, pai.

Eu me abaixo para enfiar o rosto em seus cabelos louro-acinzentados. Meu menino. Meu belo e calmo menino.

— Ei! — exclamo, libertando-o do meu abraço quando algo me vem à mente. — Sua mãe disse que você está apaixonado. — Ergo as sobrancelhas, inquiridor.

— Eu não estou apaixonado e, se estivesse, não contaria à mamãe. — Jacob revira os olhos e vai em direção ao seu banheiro.

— Levando na boa, certo? — Esse é o meu garoto.

— O quê? Como você fez com a mamãe? — Ele se vira e nota meu rosto fechado. Balança a cabeça outra vez. — Vou polir meus troféus. — E entra em seu quarto, abandonando-me no topo da escada.

Corro até o closet, pego o vibrador e saio. Checo o quarto de Maddie e confirmo que ela está chateada na cama e assim permanecerá por pelo menos uma hora. Confirmo também que Jacob já alinhou seus troféus de futebol e deve levar umas duas horas para polir todos eles.

Desço apressado, empunhando o vibrador de Ava como uma espada à minha frente.

— Quantas vezes teremos que conversar sobre isso? — pergunto, entrando na cozinha. — Todo o seu prazer tem que partir de mim.

Eu congelo e dou um grito quando percebo que minha esposa não está sozinha. Merda.

— Elizabeth! — berro, com a mão imóvel para cima.

— Ai... meu... Deus! — exclama ela, lançando um olhar indagador para Ava. A expressão de minha esposa é de horror.

O vibrador brilha para mim e eu me apresso em escondê-lo nas costas.

— É sempre bom te ver, mamãe.

Elizabeth suspira e vira-se para beijar o rosto da filha.

— Eu vou telefonar antes de vir da próxima vez, querida.

— Boa ideia — murmura Ava, transtornada, com uma expressão que diz que eu vou pagar por isso. Meu sorriso idiota só aumenta.

— Eu vou embora. Seu pai precisa que eu o busque no campo de golfe.

Aceno para minha sogra com a mão vazia e ela se aproxima de mim, balançando a cabeça em desaprovação.

— Não vai ficar? — pergunto por mera educação. Depois de todos esses anos, nós ainda temos uma relação de amor e ódio.

— Não finja que quer que eu fique.

O vibrador parece pulsar, lembrando-me de que tenho assuntos inacabados para esclarecer com minha esposa, mas ele é logo arrancado da minha mão.

— O que é isso? — pergunta Maddie, segurando o imenso vibrador. Os músculos do meu corpo todo falham e ouço Ava e sua mãe soltarem gritinhos de surpresa. Minha paralisia permite que minha filha investigue seu achado, acionando os botões do aparelho. O vibrador toma vida na mão dela. Maddie grita e o solta no chão, onde ele passa a dançar aos nossos pés.

— O que é isso? — grita ela.

— É uma arma de destruição em massa! — disparo, sem pensar, chutando o objeto para longe.

— O que é uma arma de destruição em massa?

— Uma bomba! — Jogo Maddie sobre meu ombro e saio da cozinha em disparada.

— Rápido, papai! Antes que exploda!

Putá merda, por que essas coisas acontecem comigo? Eu voço escada acima e irrompo no quarto de Maddie, derrubando-a na cama como faço sempre e vendo-a dar suas risadinhas de menina, afastando os cabelos do rosto. Olhos grandes, redondos e maravilhosamente escuros me encontram e sua risada se torna histérica, fazendo-a rolar na cama e apertar a barriga.



Desabo na cama ao lado dela e a puxo para o peito.

— Venha cá, pequena. — Suspiro, aproveitando a rara oportunidade de ficar abraçadinho com a minha filha. Ela se acomoda e aceita o meu carinho por um mísero momento, ainda rindo aqui e ali. Assim que retoma o fôlego, ela se desvencilha do meu abraço e se senta, cruzando as pernas e me olhando por um tempo, pensativa.

— Papai, por favor, me deixe ir à festa. — Ela une as mãos postas diante do rosto, como que implorando, os lábios num beicinho. Estou condenado. Mesmo. — Eu te deixo aprovar minha roupa.

Ergo uma sobancelha, um pouco surpreso com a disposição dela em negociar. Apoio os cotovelos na cama e pondero sua sugestão por um segundo. Ela está sendo razoável. Eu deveria fazer o mesmo, não importa o quanto isso seja doloroso. Suspiro e reviro os olhos. Esse rostinho sempre acaba com a minha determinação.

— Vou te levar e te buscar. No máximo às dez da noite.

Ela dá um gritinho de felicidade e se joga em cima de mim, derrubando-me na cama outra vez.

— Obrigada, papai!

— Pode parar com essa história de “papai” agora — digo, roubando mais um abraço. — E você precisa atender seu telefone quando eu te ligar ou irei até a escola descobrir seu paradeiro.

— Não pode só mandar uma mensagem de texto?

— Não.

— Está bem — concorda ela, compreendendo que atingiu o seu limite.

— E lembre-se: — prossigo, entusiasmado em reforçar as regras — é ilegal beijar meninos até completar vinte e um anos.

Ela ri.

— Não é ilegal beijar meninos, pai.

— É, sim.

— Pela lei de verdade ou a do meu pai?

— Ambas.

— Você é impossível.

— Maddie, você quer ou não ir à festa?

Sua mandíbula se retesa e ela respira fundo.

— É ilegal beijar meninos até completar vinte e um anos — diz ela, seca, e eu inclino a cabeça, aguardando o resto. — Pela lei de verdade — acrescenta.

— Boa menina. — Beijo sua testa e saio do quarto, seguindo o meu caminho, satisfeito pelo trabalho bem-feito. Vê? Eu posso ser racional. Não sei por que todos reclamam da minha inflexibilidade. Sou flexível todos os dias da minha vida.

Jacob surge de seu quarto, com uma raquete de tênis na mão.

— Onde está Maddie? — pergunta ele.

Ela aparece com sua própria raquete, agora vestindo um short ridiculamente curto e uma miniblusa. Eles descem a escada correndo.

— Nós vamos para a quadra!

— Encontro vocês lá daqui a pouco! — grito. — Assim que me entender com a sua mãe — digo para mim mesmo enquanto desço a escada, torcendo para Elizabeth ter ido embora para que eu possa descobrir o que está acontecendo com aquele maldito vibrador.

Dou de cara com minha bela esposa na metade da escada. A Arma de Destruição em Massa está em sua mão e ela tem uma carranca de reprovação no rosto. Ela quer uma batalha de carrancas? Eu vou vencer todas elas.

Parando abruptamente, fecho a cara e rosno baixinho, aceitando o duelo de olhares, mas é muito difícil me concentrar diante de sua beleza tão natural. Tão... minha.

Tenho uma conversa mental com meu pau, dizendo para ele se comportar até que eu tenha desabafado. Falho miseravelmente e meu calção começa a formar uma tenda. A situação não escapa aos olhos de Ava e seu olhar vai direto para o meu púbis, a sobrançelha se erguendo, enquanto um tesão que conheço muito bem surge em seus olhos. Nada disso vai acontecer. Não por ora, pelo menos.

— Explique-se — ordeno, apontando um dedo acusador para a coisa na mão dela.

Ela faz um beicinho, olhando para o objeto antes de voltar os olhos brilhantes para os meus, sem perder a oportunidade de escrutinar o meu peito nu. Meu pau dá sinais de interesse mais uma vez dentro do calção. A sombra de um sorriso curva seus lábios e seus olhos faíscam, travessos.

Ela passa casualmente por mim e meu corpo se vira para ela devagar, seguindo-a. Ela para diante da porta do nosso quarto.

— Jesse? — diz ela, baixinho, com aquela voz rouca que me enlouquece.

— Sim? — respondo, esticando a palavra, com cautela.

Ava manda um beijo para o ar.

— Vá se foder. — Ela entra correndo no quarto e bate a porta.

Que merda é essa?

— Ava! — grito, caminhando a passos pesados até lá. — Nada de palavras, porra! — Seguro a maçaneta e empurro a porta com todo o meu peso, fazendo-a tremer. Posso ouvi-la rindo do outro lado. Ah, ela quer brincar, é isso? Solto a porta e me afasto. Eu provavelmente poderia fazer um buraco nela apenas com o meu olhar. Respiro fundo e dou a ela o que ela está pedindo.

— Três... — digo, como quem não quer nada.

— Eu não vou te deixar entrar.

— Dois.

— Vá embora, Jesse.

Meu corpo se eriça e soco a porta, arrancando mais risadas provocantes do lado de dentro. Ah, ela vai ter o que merece. Com força.

— Um!

— Vai se ferrar, Ward!

Estufo o peito e me afasto outra vez, preparando meu ataque.

— Zero, *baby!* — grito, projetando o ombro e investindo contra a porta, que se abre facilmente, como eu sabia que aconteceria. Ava havia se afastado, certa do que eu faria em seguida. Agarro-a pelo punho antes que ela pense em fugir.

— Te peguei! — Eu a giro e joga-a sobre meu ombro, levando-a para a cama. Aterrissamos entrelaçados, e poucos segundos depois ela está nua, minha pele na pele dela, meu pau dançando. Encontro meu espaço entre suas coxas e seguro seu rosto, acariciando o nariz dela com o meu. — Tenho duas palavras para você.

— Quais são?

— “Transa” e “punição”. — Afundo o rosto em seu pescoço e o mordo, lambendo sua pele em seguida. — Está pronta, querida? — Fecho os olhos em êxtase, esperando um suspiro dela e um movimento provocante de seus quadris.

— Eu quero fazer uma cirurgia plástica nos seios.

Meus olhos se abrem de repente e eu desperto do meu estado de felicidade em um milésimo de segundo. Preciso ver seu rosto para saber se ela está me testando ou não. Enquanto encaro chocado a beleza de minha esposa, rapidamente concluo que ela não está me testando. Ela morde o lábio inferior, apreensiva, e eu tenho certeza de que está prendendo a respiração. Meu pau define e desaparece.

— O que você está dizendo, Ava?

— Eu quero fazer uma plástica nos seios — repete ela, em voz baixa.

— Esqueça.

— Jesse...

— De jeito nenhum. — Eu me ajoelho e olho automaticamente para os seios dela. Os seios que amo. Os seios que me proporcionam horas de prazer. Seios macios. Seios naturais. *Meus* seios. Dou um gemido por dentro só de imaginar alguém enfiando um bisturi neles. — Nem que a vaca tussa. Pode tirar essa ideia da sua cabeça.

Ela segue meus olhos até suas mamas e as segura. Pela primeira vez na vida, observar Ava tocando a si mesma não mexe com a minha libido. Que diabos ela está pensando?

— Eles precisam de uma injeção de vida — devaneia ela, com o queixo colado no peito, examinando cada um. — Estão migrando para o sul.

— A única coisa que migrou para o sul foi o meu pau. — Um banho frio não teria sido tão eficaz. — Como eu disse, não enquanto eu estiver vivo. Nem mesmo depois que eu morrer. Encontrarei uma forma de voltar à vida só pra te castigar. Esqueça, Ava. Eles são meus e eu gosto deles como são.

— Você não está sendo razoável — murmura, enquanto eu me dirijo ao chuveiro, rindo. — E os seios na verdade são *meus*, não seus.

Essa afirmação me faz voltar à porta do quarto. Ela me encara, desafiadora. Sabe que não vai vencer essa batalha, mas vai tentar, além de saber que vai me enfurecer no processo.

— Quanto tempo faz que eu te conheci? — pergunto.

— Doze anos — solta ela, prática, obviamente contendo um revirar de olhos.

— Então sabe que as discussões sobre propriedade estão fora de questão. Nós esclarecemos esse detalhe nas primeiras semanas.

— Ao menos foi o que você disse. — Suas narinas se alargam. — E treze pode ser seu ano de azar, Ward.

Eu recuo, surpreso.

— Que merda isso quer dizer?

— Quer dizer — dispara ela, sentando-se na cama e cruzando os braços — que o ano treze pode ser o ano em que eu vou te deixar.

Eu quase pulo, num sobressalto, horrorizado, apesar de observar que seus dedos vão direto para os cachos dos seus cabelos. Ela está mentindo. Não importa, ela ainda teve coragem de dizer aquilo.

— Retire o que disse, agora mesmo.

— Não.

— Ava...

— Vá à merda.

— Olha a boca! — Parto para cima dela, ultrajado, pronto para colocá-la em seu lugar. Ela tenta escapar, mas poderia ter um quilômetro de vantagem e eu a alcançaria. Sempre. Ela engatinha pela cama, ciente de que foi longe demais, e grita quando agarro seu tornozelo e a puxo de volta para mim. — Aonde acha que vai? — pergunto, deitando-a e sentando-me sobre seu ventre, seus braços presos sobre a cabeça com apenas uma de minhas mãos.

— Saia de cima de mim!

Faço a única coisa que me resta. Olho para o ponto sensível que ela tem nos quadris, com um sorriso maligno.

Ela congela.

— Não, Jesse.

Eu a ignoro e entro com tudo, fazendo cócegas em seu ponto mais fraco, apertando, beliscando e tornando a experiência o mais insuportável possível.

— Meu Deus! — Ela busca o ar e se contorce embaixo de mim, gritando. — Não! Eu vou... xixi... — Ela ri incontrolavelmente e berra, envergonhada. — Eu vou fazer xixi aqui!

— Retire o que disse agora — advirto, sem parar. Um xixizinho entre marido e mulher não é nada absurdo.

— Eu retiro!

— Vai me deixar, esposa? — pergunto, redobrando as cócegas.

— Nunca! — Ela está sem ar e arqueia o corpo violentamente.

— Fico feliz que isso esteja claro. — Liberto-a e ela pula da cama, com a mão entre as pernas. — Fique à vontade, mocinha.

Ela voa para o banheiro.

— Maldito!

Ava bate a porta e eu rio sozinho, seguindo-a, porém mais devagar que ela. Entro e a pego sentada no vaso. Ela me olha feio. Eu dou um sorriso.

Entrando no chuveiro, começo a cantar uma música de Justin Timberlake enquanto coloco sabonete líquido na esponja.

— Como foi seu dia, *baby*? — indago.

— Tudo bem. — Ela pega a escova de dentes, põe um pouco de creme dental e começa a escovação. — No á-ado em codo undo arrí aa o eu urra-o e aie-áio.

Olho incrédulo para ela através do vidro.

— Pode falar tudo isso aí de novo?

— No sábado, vem todo mundo aqui para o seu churrasco de aniversário — diz ela, após cuspir a espuma.

— Eu não vou fazer churrasco de aniversário — digo, definitivo, voltando a me esfregar. — Já discutimos isso.

— Mas...

— Nada de “mas”, Ava. Não vou comemorar meus... — Paro no meio da frase, dando-me conta de que estava prestes a quebrar minha própria regra: não mencionar o malfadado número.

— Comemorar o fato de que está fazendo cinquenta anos? — Ela faz um gesto de cabeça para mim, com a escova voltando à boca.

Eu me encolho e massageio os cabelos com o xampu.

— Não estou fazendo cinquenta anos — resmungo, ouvindo-a suspirar. Para ela é fácil, ainda está na flor da idade aos trinta e oito. Trinta e oito! É mais ou menos a idade que eu tinha quando conheci Ava. Como os anos passaram depressa. Se os próximos doze anos voarem com a mesma rapidez, logo eu estarei aposentado. Meu estômago embrulha de pavor.

— Você ainda é o meu deus — declara Ava, doce, atraindo a minha atenção de volta para ela, que está do outro lado do box, observando-me.

— Eu sei.

— E ainda é o homem mais lindo que já vi na vida.

— Eu sei. — Dou de ombros.

— E você ainda trepa como um deus que tomou esteroides. — Ela beija o vidro.

— Sim, eu sei. — Encontro os lábios dela do outro lado.

— Então qual é o problema, deus maravilhoso?

— Nada — suspiro. Estou sendo idiota, mas cinquenta soa tão mais velho que quarenta e nove. Desligo o chuveiro e ela se afasta para que eu saia do box, oferecendo-me uma toalha. Eu me enxugo e vou para o espelho, onde me olho de cima a baixo. Sólido. Está tudo sólido. Tão duro hoje quanto era doze anos atrás. E meu rosto. Áspero pela barba de quatro dias, além da pele viçosa. Para ser bem honesto, eu não pareço muito diferente. Sei disso. É mais um estado psicológico. Cinquenta malditos anos.

Um par de braços me enlaça pela cintura, seus seios nus se comprimem às minhas costas num abraço.

— Você é lindo e todo meu — diz ela, fazendo-me sorrir.

— Essa fala é minha.

Ela me solta, fica ao meu lado e olha para mim.

— Não fique complexado. Isso não combina com você.

Balanço a cabeça, concordando, com raiva de mim. O que está acontecendo? Eu estou bem, minha esposa é maravilhosa e meus filhos são as mais belas criaturas que já vi. Sou o homem mais sortudo do mundo. Preciso tomar jeito. Vou ao armário acima da pia e pego meu desodorante. A cartela de pílulas de Ava chama a minha atenção.

— Tomou sua pílula hoje? — pergunto.

— Esqueci. Pode me alcançá-las?

— Sério, Ava? — Pego a cartela e ponho em sua mão. — Você não pode esquecer coisas assim. — Estremeço só de pensar.

Ela ignora meu evidente pavor e põe um comprimido na boca, que engole com um pouco de água.

— Então... Sobre a festa na escola...

— Eu já a deixei ir — digo após arrumar meus cabelos e voltar ao quarto. — Mas vou levá-la e buscá-la. E espero que ela atenda quando eu ligar, ou vou invadir aquele lugar. — Visto uma cueca boxer e estalo o elástico na cintura. — Então pode parar de encher o saco.

— Eu não encho o saco — diz ela, indignada.

— Não muito.

— Quer um tapa, senhor Ward?

— Quer uma transa de bom senso, sra. Ward? — Inclino a cabeça, na expectativa, e observo o tesão retornar à sua expressão. Apenas aquele olhar já é suficiente para acordar meu membro adormecido. Nossa, eu preciso dela de novo.

— Pai! — A voz de Jacob invade o quarto e meu pau se encolhe outra vez. Ava murcha, visivelmente decepcionada por ver que mais uma transa perigosa está fora de cogitação, porque o motivo do perigo acabou de aparecer. — Pai, você não vem jogar?

— A caminho, amigão — digo em voz alta, enfiando o calção.

— Empata-foda — resmungo Ava, oferecendo-me a bochecha quando me aproximo.

Eu a beijo ainda sorrindo e ela aperta o rosto contra os meus lábios.

— Transa sonolenta ao anoitecer na piscina?

Seus olhos se iluminam como diamantes.

— Combinado.

Pego meus tênis e vou para a porta.

— E da próxima vez que usar aquele vibrador sem mim, vai ficar sem sexo por uma semana inteira.

— O quê? — Seu choque é óbvio.

— Você me ouviu.

— Você também não conseguiria viver uma semana sem sexo, Ward. Estaria punindo mais a si mesmo do que a mim.

Desço dois degraus por vez, sorrindo. Ela tem razão.

— Então será uma semana de transas de desculpas. — Tê-la com a boca em torno do meu pau duas vezes por dia, todos os dias, não é algo que eu possa esnobar.

— Por mim, tudo bem.

Começo a rir e corro para a quadra.

## Capítulo 3



— Parabéns pra você! Nesta data querida! Muitas felicidades, muitos anos de vida!

A presença de minha família e amigos cantando é o bastante para que eu queira sair correndo em busca da chave para a eterna juventude. Eu mal consigo ver meu bolo de aniversário com tantas velas acesas. Cinquenta. Como foi que isso aconteceu? Cinquenta! Talvez eu devesse tirar isso da cabeça – Deus, como eu gostaria de esquecer –, mas minha querida esposa não permite e, não bastasse o incêndio florestal assando meu bolo, há balões e faixas por todos os lados da casa e do jardim, para o caso de passar despercebido o fato de que sou um velho.

— Alguém aí tem um extintor de incêndio? — pergunto, inspirando profundamente para reunir a maior quantidade possível de ar nos pulmões. Vou precisar.

— Ah, não! — Ouço Maddie lamentar. — Ele vai destruir o bolo!

Reviro os olhos e sopro as velas enquanto todos riem às minhas custas. Sam me dá um tapinha nas costas e sorri.

— Não diga nada — advirto meu amigo, antes que ele me venha com alguma piadinha sarcástica. — Você também não é nenhum moleque.

Ele ri e balança a cabeça. Eu gostaria de ser tão complacente quanto ele a respeito da própria idade.